



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 9 de Novembro de 1985 * Ano XLII — N.º 1087 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Uns vêm pequeninos para nossas Casas; outros, mais crescidos. Aqui se criam, se preparam para a vida, pois «o trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem».

VISTAS DE DENTRO

FILHOS CRIADOS TRABALHOS DOBRADOS

«Filhos criados trabalhos dobrados», dizia Pai Américo. Era a sua experiência de Pai que o levava a falar assim dos rapazes. Uns vêm pequeninos, outros mais crescidos. Aqui se criam e se preparam para a vida. A alegria que cada manhã nos traz, junta-se a dor que anda unida aos trabalhos de quem gera. Bem-vinda essa alegria! Abençoada dor que nos ajuda a saborear os frutos! Um dia, outro dia e mais outro e sempre, sem desânimos. O rapaz tem necessidade de ajuda. Precisa de um clima de paz. Não sabia aonde se agarrar antes de entrar em nossa Casa. O seu mundo interior, por vezes, é um verdadeiro vulcão a aguardar o momento de explodir. A confiança leva-lhe a calma. Num clima de segurança, de certeza, de verdade, de justiça, de compreensão e ternura vai caminhando rumo ao futuro.

É verdade, no dia-a-dia da nossa vida vivemos a alegria da planta que cresce e a esperança do fruto a colher. Vivemos a inocência do Quintino, de 4 anos, que veio de Vila Flor; e a confiança na recuperação do Zé Luís, de 16 anos, que, excepcionalmente, veio das terras trasmontanas. Vivemos a história de cada um. Aceitamo-la. Ajudamos a construir e a re-

construir. Enxugamos pântanos e pomos terra boa.

É interessante: nada se faz sem eles! Nada se pode fazer senão por eles. A nossa vida não se entende senão com eles.

Ontem houve reunião de chefes. Todas as semanas, dez rapazes se sentam à volta de uma mesa. A vida da Comunidade é vista com eles e passa

também por eles. Não importa que sejam ou não os rapazes ideais. São eles com suas grandezas e misérias, como nós também.

Não param de crescer. Tornam-se filhos criados. Os nossos trabalhos também não param. Há que preparar caminhos

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Com vista aos Amigos de Lisboa para quem olho neste momento.» (Pai Américo)

Após vinte e poucos dias de férias retomamos as actividades. É um novo ano social que começa. São as acções escolares, as mudanças nas obrigações e um mundo de problemas que uma Casa do Gaiato supõe, num dinamismo sempre renovado, em ordem a fazer face às mutações impostas e às necessidades de cada dia e aos projectos retomados ou a que se vão dar início.

Dirigimo-nos, hoje, de modo particular, aos Amigos da Capital e dos arredores que devem fazer sua esta Casa do Gaiato, para que, como um correspondente muito assíduo escreve: «A Obra do Gaiato seja cada vez mais o que o Padre Américo sonhou», ela que «é uma Obra de todos nós».

Em primeiro lugar, já que Deus nos permitiu recuperar alguma saúde, vamos reaparecer pelos templos da Capital,

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ A construção do grande edifício para escola-oficina de artes gráficas tem-nos custado suor e sangue. Tem exigido de todos os desta família horas de muito trabalho.

Aproveitámos o sábado passado para afagar os azulejos e ladrilhos do grande salão, pois nos outros dias de semana não temos esta boa mão de obra. Quase todos os estudantes, após o pequeno-almoço, pegaram em pincéis e panos e se agarraram ao trabalho. Foi o dia todo. Só parámos para almoçar. Chegámos ao fim do dia cansados e felizes. Conseguimos fazer tudo. Que lindos a espelhar ficaram os azulejos e os ladrilhos! Os joelhos do Sérgio, do Vítor e de outros ficaram molestados. Com um grande pedaço de pão numa das mãos e fruta na outra ainda lhes apeteceu dar umas corridas e pontapés na bola! O pão comido com o suor do rosto e o coração feliz com o dia bem aproveitado num trabalho novo e de encanto!

Quando leres esta notícia há-de alegrar-te também e se nos puderes visitar há-de ver com teus olhos este trabalho maravilhoso. Uma das maiores maravilhas da nossa vida é o trabalho.

■ Depois deste dia todo de trabalho, o descanso da noite era necessário e saboroso. Deitámo-nos em paz.

Eram quase três horas quando comecei a ouvir passos e certos ruídos escada acima e escada abaixo, junto ao meu quarto de dormir. Foi um acordar de sobressalto! Fiquei à espera. Passado pouco tempo eram os vaqueiros a dar a notícia alegre que tinha nascido mais um vitelinho e tinham ajudado a mãe-vaca a ter um parto menos doloroso!

O domingo foi cheio desta boa notícia! Outra vez a nossa colaboração na zona maravilhosa que é a vida. O contacto com a Natureza e seus mistérios leva-nos a um viver mais simples e mais são. Outra face admirável da vida em nossas Casas.

■ O Luís e a Irene celebraram hoje as suas «bodas de prata». Reuniram-se junto ao altar como há vinte e cinco anos. A nossa capela com o mesmo altar. Eles com alguns familiares a dar graça a Deus.

Felizes! Felizes no seu amor. Amor que Deus tem abençoado, mesmo com algumas dificuldades e provações.

Ao olhar mais uma vez para o Luís, sempre «Carequita», encontrei-o na cozinha como cozinheiro, amoroso, a criar os mais pequeninos com muita dedicação, a tratar e a conduzir os bois, a cuidar da quinta de que foi chefe, agora distribuidor de produtos dum laboratório de Coimbra. Sempre humilde e feliz!

Fez-me bem ler mais uma vez o que Pai Américo escreveu no livro de registos quando o recebeu: «100 — Luís Ferreira, filho de Maria Ferreira, falecida. Nasceu na Maternidade Daniel de Matos. Foi baptizado em Santa Cruz de Coimbra. Foi recolhido por uma família de feirantes residentes na Estação Velha. Entrou as portas da Casa do Gaiato a 14 de Outubro de 1943».

■ Quisemos apontar três factos da nossa vida. O trabalho a associar-nos ao plano criador de Deus. O mistério da vida de que somos e devemos ser participantes. A família que se constrói e se perpetua. O Luís foi o número 100 a entrar nesta nossa Casa do Gaiato. Há dias entrou o 718. Uma grande Família!

Padre Horácio

OS NOSSOS ENDEREÇOS

Casa do Gaiato —
2900 SETÚBAL;

Casa do Gaiato —
SANTO ANTÃO DO TOJAL — 2670 LOURES;

Casa do Gaiato —
3220 MIRANDA DO CORVO;

Casa do Gaiato e Calvário — Beire — 4580 PAREDES;

Casa do Gaiato —
PAÇO DE SOUSA — 4560 PENAFIEL.

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

Enquanto que por Miranda do Corvo o edifício da nova escola de formação gráfica está nos últimos preparativos, os estudantes do ensino oficial já marcham para as aulas.

Nas férias, o descanso intelectual. Mas a partir de sete de Outubro recomeçamos o estudo.

A expectativa, a curiosidade dos novos e dos estudantes mais adiantados. Os sorrisos, as gargalhadas mistu-



Casamento da Maria João (filha do Humberto) e do Gil, na Rainha Santa, em Coimbra.

radas com as correrias e brincadeiras. Foi um começar de contentamento. E, para começarmos melhor, celebrámos a Eucaristia — o Centro indispensável. Ficou o Santíssimo na Capela — Companhia amiga.

Registámos os horários e a mudança de livros, de aulas.

Houve a apresentação dos professores e alunos. Aqueles falaram e deixaram falar, sorrir e andar.

Livros para adquirir e, para melhor conhecimento, uma ou outra bibliografia proposta:

— O 1.º ano do Ciclo precisa de...

Depois, outros:

— É preciso ordem! Calma!

— Vai ver se há este livro cá em Casa...

As estantes são remexidas porque mexidas e desarrumadas já elas estavam.

— Mas se não há material de desenho e livros, onde adquiri-los?

— Bate-se ao quiosque do senhor Machado...

Abertura e boa disposição. Cá temos os cadernos, o material de desenho...

Pega-se na esferográfica e em papel, e desenhamos as letras, a tinta, que formam a composição da carta. Lá foi ela pronta a ser aberta pelos senhores das Editoras. Uma carta modesta. Por isso, a Porto Editora já respondeu. Temos aquilo que pedimos. Não foi preciso mais, apenas a simplicidade do coração!

Foi extraordinária a atenção, a rapidez como a Porto Editora nos respondeu! Após dois dias, chegavam os livros!

Dei graças a Deus. E vivi, nesse dia, o gosto de haver gente que crê, que dá — e quer a solidariedade.

Aguardamos resposta de outras Editoras. Em próximo número diremos alguma coisa.

Esperamos que este ano seja melhor do que o anterior. Somos, ao todo, vinte e três estudantes: Seis no 1.º e sete no 2.º ano do Ciclo; três no 7.º, um no 8.º e dois no 9.º ano Unificado; no 10.º Unificado mais dois; e no décimo segundo, idem.

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um casal de pensionistas do regime especial (rurais).

Ele, mãos gretadas e calejadas, já trôpego, pouco faz. Ela trabalhou no campo enquanto pôde, até cair na cama. Só vivem das magras pensões; e uma das filhas — também doente — bota-lhes a mão.

A velhinha padece da coluna:

— *Sofre muito!* — esclarece o marido com uma lagrimazita aflorando nos olhos.

— É uma doente incurável?...

— *Tem andado pelos médicos, mas não tem cura! Agora, precisa é dum colchão especial, muito caro! A nossa reformazinha não dá p'ra nada...!*

— Vamos tratar do colchão...

— *Oh q'álivio! A minha mulher vai ficar no céu!*

Também há *novos Pobres* no meio rural, ainda que as condições de ambiente — e a tradicional solidariedade comunitária — aqui e ali amenizem um pouco os dramas que seriam bem mais duros — como são! — nas cinturas industriais.

Face às assimetrias, a terapêutica preventiva seria *compôr* ainda mais no interior para se evitar a *sangria* migratória para o litoral...

Recentemente, os meios de comunicação social noticiaram que *a CEE lançou um novo programa contra a pobreza, que será aplicado ao longo de quatro anos, para ajudar os novos Pobres. Portugal e Espanha poderão absorver 25% dos fundos, após o dia 1 de Janeiro de 1986*. Mas, a dois meses da sua implementação, o cidadão vulgar — especialmente os mais interessados: *«os desempregados, as famílias em que o agregado familiar é suportado pelo pai ou mãe, a terceira idade»*... — não sabem, concretamente, como virá a acontecer!

No caso vertente, pelo pouco tempo que resta à pobre anciã, jamais esperaríamos por coisas (sempre) complicadas. Vamos mas é trazer o colchão — com a generosidade dos nossos Leitores. *«Oh q'álivio! Ela vai ficar no céu!...»*

● Especialmente no meio rural — ainda com largos estratos de população que mal sabe ler e escrever — o serviço do *recoveiro* dos Pobres, para além d'apoios d'ordem moral e material aos mais carenciados, multiplica-se noutras acções pontuais, até mesmo a quem não falta o pão de cada dia — dependente de certas regras ou da própria burocracia.

É um trabalho assíduo, muito nosso, dos vicentinos, porque discreto e na linha que levou Ozanam, naquele tempo, a abrir os braços a *todos* *quantos precisam*.

Hoje, temos um jovem que nasceu numa das primeiras moradias do Património dos Pobres, cuja Obra de há muito fervilhava, em silêncio, na alma e no coração de Pai Américo, precipitada por um santo homem idoso, quase abandonado, que vivia num barraco de pedras sobrepostas,

sem o mínimo de condições. Foram aquelas pedras toscas — símbolos da *civilização do granito* —, a miséria imerecida e a Oração permanente do Pobre quase marginalizado que despoletaram em Pai Américo, por graça de Deus, o Fogo que levou, e leva, tantas almas a servir e a dignificar os sem-casa nas suas comunidades — até porque se trata duma Obra essencialmente paroquial, que revela o actualíssimo sentido de Igreja na acção de Pai Américo.

Aquele jovem e respectiva família, um dia, quando principiaram a usufruir melhores condições de vida, cederam a moradia a outros mais necessitados. Uma norma do Património dos Pobres; às vezes bem difícil d'entender...!

O moço fez-se gente, trabalhando o ferro. Entretanto, resolve transpor a fronteira com uma carta de trabalho na mão. Diáspora muito dura, em terras onde outros, *naquele tempo*, sofreram ainda mais, por mais altos ideais — o nosso Deus e Senhor.

Cumpriu os contratos. Regressou ao torrão natal. Agora, porém, que a porta migratória fechou — acontece a tantos emigrantes! — descobre, no escuro, um raio de luz e pede ajuda na caminhada para um posto de trabalho.

— *Vejam s'estes papéis estão bem...* Lemos. Analisámos. Aqui e ali completámos o formulário.

— Que mais será necessário?

— *Só duas cartas q'abonem o meu comportamento..., como já fizeram a F., q'entrou o serviço!*

Os olhos resplandeceram d'alegria! Deus permita que tudo lhe corra bem.

PARTILHA — Do Bairro da Alegria, Braga, um cheque *«a fim de minimizar as carências de um Irmão mais necessitado»*. A remessa habitual da assinante 11162, do Porto. Assinante 30060, de Fafe, mais um cheque *«em sufrágio da alma de minha filha e dos meus pais»*. Pequena-grande oferta do assinante 22266, de Vila do Conde. Aquela tripeira que nos visita assiduamente, abriu a porta do escritório, viu-nos ocupados e deixa logo em nossas mãos uma nota *«por alma de meus pais»*. Outro cheque do assinante número 20, do Porto, ressumando a Amizade da primeira hora. Mais um da assinante 31104, sempre na primeira linha para acudir aos problemas referidos nesta local — *«com uma migalhinha que sempre faz jeito a quem precisa»*, disse. Leitora d'algures (pede absoluto anonimato) manda um donativo *«para algumas mães com muitos filhos que tanto lutam e se sacrificam para os criarem sozinhas, dando testemunhos tão altos de amor e abnegação»*. Um Casal, do Fundão, persiste com muito amor aos Outros, sobretudo os que mais sofrem — e são tantos! Agora, da Foz do Douro, chega *«a pequenina lembrança para uma Viúva necessitada»*, pelo *«52.º aniversário do falecimento de meu pai»*. O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Assinante 24025, 1.000\$00. Metade da assinante 9708 *«para uns Pobres, velhos, auxiliados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»*. Duas oportunas ofertas da assinante 7258, de Aveiro, e uma chamada: *«Não precisam de agradecer; para mim, o maior agradecimento virá de Deus — se eu o me-*

recer». Doutrina cristã! Por intermédio do nosso Padre Luiz: 2.000\$00 de Maria Fernanda e 25.000\$00 de M. Pereira e Amigos. *«Pequenina gota»* do assinante 9790, de Oliveira do Douro, ousando *«pedir à Mãe do Céu para que rogue muito a Jesus por todos os nossos queridos jovens para que sejam o esteio forte das nações — e surja um Mundo Novo em que o Bem abraça a todos»*. Assinante 27527, de Viseu, 2.000\$00 para os Pobres — *«que me merecem o maior carinho e respeito»*. De Estremoz — coração do Alentejo — um cheque dividido pela nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, *«em memória da minha querida Mãe»*. Amor filial. Não há outro como o amor de Mãe!

Duma Viúva, para Viúvas, *«pequena migalha»* da assinante 30217 e uma religiosa intenção:

«Em 13 de Outubro celebro uma data — o meu casamento — e recorro com saudade o grande companheiro que já perdi.»

«Sufragando a sua alma e lembrando as duas datas do santo Pai Américo, envio essa pequena migalha para auxílio dos mais necessitados.»

«Teria muito a dizer, mas não consigo escrever...!»

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRAS — Os nossos trolhas, muito ocupados com as obras, estão neste momento a pintar as escolas, após a reparação do telhado e da parede da padaria.

No sector da construção civil, em nossa Aldeia, não falta que fazer para se conservarem todos os edifícios! Há moradias que já têm mais de trinta anos...

GADO — Não se trata só das vacas na vacaria, mas também dos porcos.

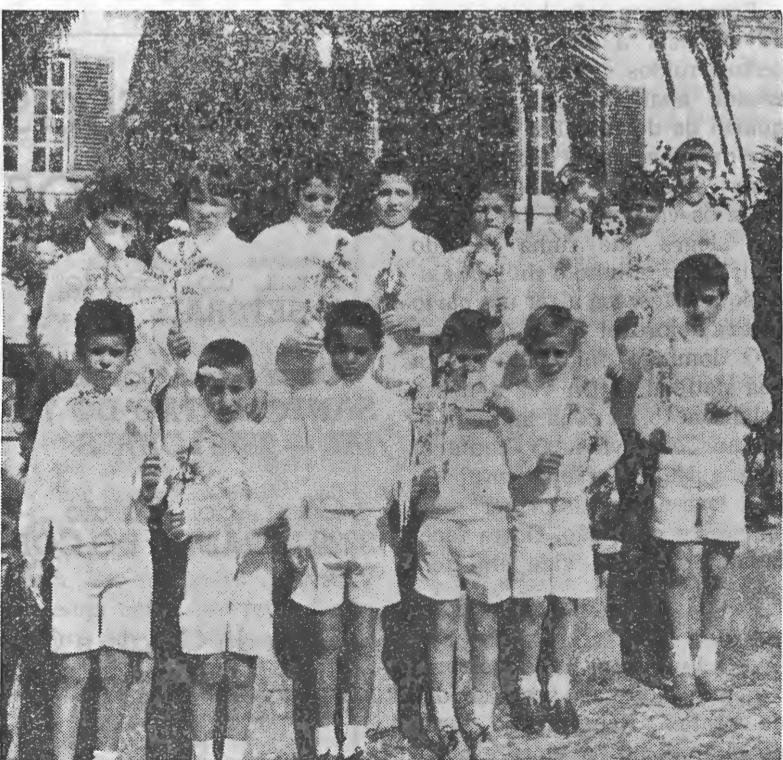
Há já algum tempo nasceram cerca de 10 porquinhos. Foi uma alegria! Toda a gente gosta de ver os animais!

TIPOGRAFIA — Entraram mais três rapazes para a secção de composição: o Carlitos, o Agostinho e o «Bigodes». Todos eles com forte determinação em levar de vencida todos os obstáculos que se lhes depararem. E vale a pena!

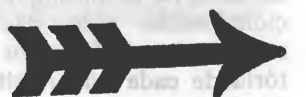
Ainda agora, nos domínios da Fotocomposição, estamos ocupados com obras para uma importante empresa editora. Terminada uma, chegará logo outra:

Os fotocompositores da referida editora — cujo parque de máquinas não vence a produção necessária — são gaiatos que aprenderam, aqui, a sua arte. Eles são, ali, *porta d'entrada...* para outros nossos que, amanhã, precisem de trabalho.

FUTEBOL — Defrontámos em 20 de Outubro uma equipa de Coreixas. Um bom desafio! Agradável de seguir — e sem incidentes. No final o mar-



O grupo de gaiatos de Miranda do Corvo, na festa da primeira Comunhão, resplandece de brancura — da Graça de Deus.



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Recentemente, nas igrejas do Barreiro, O GAIATO subiu ao Altar em celebrações eucarísticas paroquiais; e o nosso Padre Carlos trouxe dezenas de novos Assinantes — futuros apoios da Casa do Gaiato de Setúbal — entre os quais **homens de ganga azul que trocaram, há longos anos, a enxada das glebas pelo malho das oficinas.**

Para um Padre da Rua não custa a crer estas acções sejam o reviver doutras de Pai Américo em seus primeiros anos de sacerdote, cujas **explosões de Sobrenatural** relata — como só ele sabe! — a páginas 90 e 91 do primeiro volume do **Pão dos Pobres.**

No entanto, o Padre Carlos foi depois a Almeirim e trouxe cerca de 150 novos Leitores!

Num passo do «Aqui Lisboa» o nosso Padre Luiz marca também o acento tónico em futuras peregrinações pelos templos da Capital, no sentido de motivar os Amigos da Obra da Rua como Assinantes d'O GAIATO — em «solidariedade activa» com a Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal, 2670 Loures.

Agora, é a voz de elementos da **procissão**, de Norte a Sul do País; apaixonados e apaixonadas que fazem sementeira d'O GAIATO na própria família, depois na roda doutros mais próximos, inclusive os companheiros de trabalho.

Leiria:

«Agradeço A Porta Aberta. Leio e releio-o sempre que tenho oportunidade. É o meu livro de cabeceira; este e a Bíblia.

cador acusava 3-2 a favor da equipa visitante.

Estamos a precisar de redes e bolas!... Haverá algum leitor ou leitoras que façam o favor de nos oferecer redes e algumas bolas de futebol? Os nossos antecipados agradecimentos.

Ludgero Paulo



Sara Marlène, filha do Matos.

Não me canso de ler, pois encontro sempre coisas novas...!

Peço mais três exemplares para emprestar e oferecer. Um, será para a minha filha — solicitando para ela uma assinatura d'O GAIATO.

Desculpem só agora escrever, mas esperei que o meu filho recebesse para mandar o ordenado — a primeira jorna — já que tem dezasseis anos e também estuda.»

Souzelo (Castelo de Paiva):

«Sou leitora d'O GAIATO há vários anos. O meu pai era assinante e inculiu-nos muito carinho pela Obra do Padre Américo. O jornal continua a chegar em nome da minha mãe e é lido por mim sempre com interesse, pois a sua leitura ajuda a situar-nos no mundo dos mais carenciados, dos quais às vezes andamos esquecidos.

Peço o envio d'O GAIATO para um jovem...»

Torres Novas:

«Sou uma avozinha que tem um neto, com oito anos, a quem a vida tem dado muitas coisas boas: Um lar bonito e acolhedor; uns pais que o adoram; e uma irmã com cinco anos estuda, desde os quatro, num Colégio estrangeiro bastante

caro, apesar de ser português. Os seus amigos são quase todos estrangeiros, a quem também nada falta.

Pretendo com esta minha intenção (inscrevendo-o como assinante do jornal) levar o meu netinho, que fez agora a primeira Comunhão, a ter conhecimento da vida doutras crianças que aí vivem...»

França:

«Agradeço a regularidade d'O GAIATO e também a recepção do livro A Porta Aberta. É, na realidade, um bom livro! Quando houvesse oportunidade, gostaria de enviar outro exemplar para oferecer a meu filho. Junto um cheque, com parte duma amiga minha que deseja receber O GAIATO. O resto é para ajudar as despesas mais urgentes, pois as necessidades são tantas que o meu coração não sabe escolher! Só o Senhor é Mestre. Só Ele pode decidir. É nosso dever cristão repartir com os Pobres. Sei que é bem pouco, mas se todos dessem um pouquinho, quanto Deus ficaria contente!»

Topamos a presença de sacerdotes; como este, dos lados de Amarante:

«De há muito que penso escrever para que me enviem O GAIATO. Escrevo agora — antes que me esqueça!

Penso que O GAIATO não tem preço de assinatura, pelo que junto um cheque como

FILHOS CRIADOS

TRABALHOS DOBRADOS

Cont. da 1.ª pág.

de futuro. Caminhos por onde chegue o pão com trabalho garantido. Onde encontrem a casa para viver em família, com a sua mulher e seus filhos. É assunto deles e é assunto nosso. «Filhos criados trabalhos dobrados.» A grande preocupação é o emprego, depois de feita a vida militar. Que alegria, que ajuda preciosa nos prestam quando nos abrem as portas para a colocação de um rapaz já criado e preparado! Mesmo aqui, os trabalhos não param: O rapaz que se emprega é bandeira erguida a apontar caminho e abrir portas a novos irmãos seus ou pode ser a porta que se fecha. O seu comportamento, o seu apego ao trabalho estão nas mãos dele e nas nossas também.

Por isso, ontem, o Júlio Mendes disse-nos que era bom falar com um rapaz nosso, diante da perspectiva de uma boa colocação. Falar-lhe da responsabilidade que irá assumir. A porta que se abrirá agora, como já se abriu a outros companheiros, mas poderá fechar-se depois — se ele não for fiel ao seu dever! Que beleza neste gesto do Júlio! Ele é responsável por um sector da nossa actividade. Vive os problemas dos seus rapazes como se fossem seus filhos.

Temos razão para viver com alegria cada manhã que o Pai do Céu dá!

Padre Manuel António

Retalhos de vida

NUNO



O meu nome de baptismo: **Nuno Miguel Rodrigues Alves.** Nasci em Lisboa, a 30/4/73. Depois, a minha família passou a viver em Oeiras.

Estou na Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão da Tojal (Loures), há cerca de três anos, porque não sei da minha mãe!

Quando for grande gostaria de ser serralheiro.

Tenho mais dois irmãos na Casa do Gaiato. O mais novo tem cinco anos.

Mando um grande abraço para todos os amigos d'O GAIATO.

Nuno

oferta. Se não estiver bem, digam-me.»

Há mais gente d'alma cheia com boas notícias. Levam O GAIATO a toda a parte. Mas ele é tão pequenino que nos limita a restante panorâmica da procissão. Daí, passarmos a marcar, em síntese, os locais de proveniência dos novos Leitores: muitos do Porto e Lisboa; e dalgumas terras chegam novos Assinantes aos grupos, de mãos dadas: Valadares (Gaia), Santa Luzia (Algarve), Macau, Maia, S. Pedro da Cova, Póvoa de Varzim, Coimbra, Mealhada, Faro, Cacém, Gamelas (Bom-

barral), Setúbal, Brejos do Assa, Santa Marinha do Zêzere, Póvoa de Baixo (Estarreja), Santa Iria de Azóia, Oliveira do Douro, Campo (Valongo), Gáfete (Crato), Carrapateiro, S. João da Madeira, S. Cosme (Gondomar), Delães (Riba d'Ave), Loures, Olhão, Viana do Castelo, Ortigosa (Monte Real), Fiães, Santarém, Espinho, Santo Tirso, Custóias, Queijas, Bragança, Mirandela, Torres Vedras, Meixedo (Viana do Castelo), Esposende, Afife, Salvada, Barcelos e Madalena (Gaia).

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

e não só, procurando levar a palavra simples mas responsabilizante que a vivência do Evangelho, neste cantinho do Reino, nos induz a proclamar aos quatro ventos. Contamos com o acolhimento de sempre e que, como já nestas colunas se explanou, os nossos Amigos se façam assinantes d'O GAIATO, o modo mais aconselhado para uma solidariedade activa tendo em conta, todavia, que as Casas do Gaiato, embora pertença da mesma Obra, são economicamente independentes.

Em segundo lugar, asseverados com pedidos de admissão, que nos permitiram triplicar a população desta Casa — 125 Rapazes — vamos admitir uma dezena deles, seleccionados entre os casos mais prementes, já que a estabilidade de presenças é uma característica da Instituição e mais não podemos receber.

Com alma e coração vamos dedicar-nos à construção da Capela — e repetimos que é a única Casa do Gaiato que não a tem — dedicada à Senhora da Conceição, em cujas mãos colocamos a tarefa, para que, em 1987, ano do Centenário do Pai Américo, possamos tê-la ao

serviço da Comunidade e daqueles que até nós chegam. Sobre isto falaremos noutra ocasião e dos ecos calorosos já recebidos.

Frustrada que foi uma hipótese do equipamento ginno-desportivo do novo pavilhão polivalente, nem por isso desanimamos. As obras de Deus têm o seu preço: a perseverança alicerçada numa fé viva e operante. Com Pai Américo diremos: «Não me queiras mal nem me chames sorna, por vir todos os anos à tua porta, neste tempo, com enfadonho deprecar; é um defeito da Perseverança».

O apetrechamento das oficinas, nomeadamente da tipografia, a precisar duma máquina off-set capaz e de uma fotocompositora, vai preocupar-nos. Sem descortinarmos o como da solução preconizada, vamos fazer, permita-se-nos a intimidade, como em muitas outras vezes: pôr no Altar o «requerimento» para que o Senhor o despache. Nunca tivemos razão de queixa de assim procedermos.

A construção de um tanque de rega, susceptível de servir de piscina para os Rapazes, vai ser outro propósito a equacionar. Aliás, também é esta a

única Casa que não dispõe desse requisito.

Finalmente, e por ser o principal, que todo o resto deve fluir para tal propósito, vamos dar-nos totalmente ao serviço dos Rapazes, para que cada um tenha a oportunidade de descobrir a sua própria consciência e se fazer um Homem, como diria Pai Américo. Dar-nos sem restrições, exigentes no essencial e compreensivos e maleáveis no acessório. Que Deus nos ajude!

Padre Luiz

UMA CARTA

«Aí lhes mando, para a assinatura d'O GAIATO, três mil escudos. Se sobrar, é uma migalhinha que fica aí de boa vontade, pois a Obra em que vos empenhais merece tanto, tanto, tanto, que eu fico envergonhado por não poder tirar, neste momento, mais alguma coisa à pensão que recebo, pois outra fonte de receita não tenho.

Assinante 12629»



DOCTRINA

● Sua majestade a Criança passa em carro triunfante! A Colónia (de montanha) vai dar fundo em uma quinta farta, rio aos pés, onde tudo se produz e se dispensa pelos preços do mercado; tendo já assegurado azeite fino e a promessa duma vaca leiteira para a ocasião. A alegria estupenda de distribuir taças de leite quente a tantos pequeninos que somente o tomaram no peito de suas mães e nunca mais!

● Temos estendido a mão nas igrejas da cidade, à estação da Missa; mas devemos de ir mais longe. Não há-de ficar igreja onde a gente não peça nem porta onde não bata nem lura que se não explore.

● São dois meses com cem bocas em cada um, sem falar no aumento de roupas, camas e louças e tudo isto é dinheiro contado. O apelo de domingo, na igreja do Colégio Novo, rendeu em moedas pequeninas, de todos os calibres e quilates. Foi muito bom, mas a volúpia de dar não deixa a gente ter paz; por isso mesmo vou à Capital em cata de mais metralha para dar combate nos campos da miséria até ao fim.

● Pela calada da noite, bati no número cento e noventa e um de uma casa fidalga e recebi das mãos dos senhores duas notas de quinhentos. O pão das famílias pobres escondido naquelas notas, aqueceu as algibeiras da Obra da Rua que pisou alcáfitas com lágrimas de contentamento, a dizer muito baixinho a oração dos Pobres: «Deus acrecente o que fica nesta casa». Nunca fez falta a ninguém, o que se dá para a gente pobre.

● O dia seguinte amanheceu em Lisboa, glorioso e cheio de esperança — a riqueza de quem pede. Dei de comer às pombas do Rossio. Alfaguei os pequeninos arduos, legiões deles, ataviados em ganga azul, irmãozitos dos nossos colonos... Vi o azul do Tejo polvilhado de gaiivotas. E, finalmente, subi acima, aos ministérios, fazer a mesma coisa que faço nos púlpitos das igrejas: pedir.

Do livro *Pão dos Pobres* (1.º vol.).

O. Amín. S!

Novembro aviva-nos sempre a lembrança. Foi neste mês, em 1963 e 1967, que partiram, primeiro para Angola, depois para Moçambique, os grupos fundadores das Casas do Gaiato de Malanje e Benguela e de Lourenço Marques.

Foram momentos muito felizes na Obra da Rua. Ela tinha vindo a crescer desde que Pai Américo deixara de nos ser presença física, cumprindo-se a sua profecia: «A Obra começa quando eu morrer».

A expansão a África era um sinal de vitalidade. A sua realização correspondia a um velho desejo de Pai Américo que a re-leitura d'O GAIATO desde o seu primeiro número me tem feito encontrar repetidas vezes. Sabia-nos a fidelidade ao seu pensamento a concretização do sonho que finalmente se tornava realidade.

Não sendo a Obra da Rua eminentemente uma Obra de Assistência, mas uma acção da Caridade de Cristo incarnada, sim, em formas assistenciais, poderemos implantá-la num mundo novo a que era urgente dilatar a alma, constituía uma tarefa empolgante que, de verdade, a todos nos empolgou.

Os tempos eram difíceis, mas sempre a dificuldade foi estímulo para os homens ultrapassarem a mediocridade a que as horas fáceis são propícias. Viveamos demasiados anos adormecidos sobre a nossa missão ultramarina. Mitos e preconceitos substituíam na mente dos portugueses uma ideia esclarecida, uma consciência formada sobre o que devia ser agora

◆ «O vosso jornal incomodame. Fico sempre perturbado!» Ainda bem! É para nós um estímulo. Ai de nós se não interpelarmos! Ai de nós, cristãos, se o Evangelho deixar de nos perturbar!

Ele magoa mesmo: «Perdoa sempre, até quando te insultam.

Acolhe o Pobre, mesmo quando te repugna física e moralmente.

Sê testemunho em todos os momentos do teu dia.

Não faças grandes celeiros para guardares o trigo, pois o teu tempo é breve,

Muito mais triste para muitos cristãos é nem sequer terem lugar para Ele no seu coração. Cheios como estão de si próprios, de haveres, de preocupações e desejo de ter.

◆ Como são belas as nossas procissões! Precisamente, porque os seus membros libertos de si e da ambição de possuir, entraram nela com amor e simplicidade.

Neste caso e hoje, o amor aos Irmãos sem casa e que lutam por ela com esforço de heróis..., são os nossos Autoconstrutores.

Abre a procissão a Adelaide: «Concretizo um sonho que tinha há alguns anos. Gostaria que esta importância (50.000\$) fosse ajudar um Autoconstrutor. E obrigada por quanto tenho recebido através do vosso Jornal».

Ao lado, o assinante 36058: «Envio 10.000\$ para ajudar na construção de um lar dos muitos que necessitam. O meu

África

a relação de séculos que nos unia ao Ultramar. A antiga fórmula «dilatar a Fé e o Império» não se esgotara — assim a entendêssemos no espírito do Evangelho, segundo o qual «reinar é servir». Estarmos lá era um serviço mútuo: para os europeus que a pequena Casa Lusitana mal continha e para os africanos com quem os portugueses tinham um especial dom de se relacionar.

Erros, abusos — onde os não há?... Mas não é menor abuso contra a verdade e a justiça generalizá-los, tomando-os pela regra.

Ali, trabalhava-se a sério e convivía-se com humanidade — pudemos testemunhá-lo quase sempre. A prosperidade era o fruto de trabalho árduo que a todos tocava. A «árvore das patacas» a cuja sombra descansariam os prósperos, um dos tais mitos que só a desfoagem da realidade a milhares de quilómetros e a desmoralização concomitante permitiam que se alojasse nas cabeças ocas de muitos, uns por simplicidade, outros com malícia.

O sopro dos «ventos da História» com que abre a década de sessenta, teve o condão de sacudir a sonolência colectiva

de que nos deixáramos apoderar. Devera ser mais cedo e não por efeito de pressões extrínsecas, é verdade!; mas ainda não era tarde.

Esses anos sessenta são um tempo de gesta que o nosso Povo escreve em esforço conseqüido de progresso que é «o novo nome da Paz». A História desapaixonada há-de fazer-lhes justiça.

A provação, porventura merecida, o Povo civil e trabalhador reage com uma determinação admirável, construindo, arroteando, empenhando-se e firmando-se numa terra que tremia sob os seus pés, em atitude contrastante com outros Povos que haviam pisado África (e ainda a pisam!) em função do seu interesse e desertaram ao primeiro sinal de contestação.

Foram anos extraordinários de desenvolvimento marcado pelos maiores índices do Continente, durante os quais se foi abrindo às populações o acesso à educação, à saúde, à suficiência económica, ao bem-estar — condições para uma autonomia progressiva, para uma autonomia autêntica que havia de eclodir a seu tempo, fosse qual fosse a vontade política reinante à distância de milhares de

quilómetros, por força da pressão intrínseca de um Povo que atingiu a maioridade.

Devera ser mais cedo, sim; mas ainda não era tarde.

O epílogo trágico, descontínuo do dinamismo de progresso que impregnara aquele mundo novo e foi bruscamente interrompido, consumou-se pelo nosso abandono.

«Progresso é o novo nome da Paz.» Aquelas novas nações ainda não conhecem a Paz, nem se prevê quando a alcançarão. A culpa não é do Povo. Ele não desertou por pressão nenhuma, senão pela depressão criada por uns tantos grão-senhores que continuam por aí diligenciando alcandorar-se aos postos cimeiros desta velha Pátria em crise de identidade.

Lá longe, nenhum dos Povos pseudo-libertados achou também a sua identidade, nem se prevê quando a alcançarão.

Nós mais eles, não «orgulhosamente sós», mas humildemente cónscios de uma vocação porventura singular, seríamos capazes de construir em comum a nossa identidade.

Naqueles dias de grandeza pelo esforço de nos encontrarmos (a que a História há-de prestar justiça) foi que a Obra da Rua chegou a África. Deles participámos para além do fim na nossa missão de «fazer de cada rapaz um homem» para amanhã. E se acabámos também por ser rejeitados, não o foi por ninguém do Povo, nem de cá nem de lá.

Ainda assim, valeu a pena!

Padre Carlos

A G O R A

coração rejubila de alegria, todas as vezes que leio O GAIATO e vejo, felizmente, as muitas pessoas que ainda se preocupam em ajudar o Próximo».

A seguir, o nosso amigo M. M. com a vela da «Casa da Paz» que já vai em 230.000\$ e «bendito seja o Senhor que me permitiu chegar até aqui!» Bendito seja. E a Benilde com 5.000\$ para os Autoconstrutores. Com algumas velas de 20.000\$ vem a «Casa de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Entram agora todos os Amigos dos Autoconstrutores que deixaram as ofertas no Espelho da Moda — sem a mão esquerda saber. De Monção, a assinante 7647, presença amiga com 10.000\$. A mensalidade dos Amigos da Caixa Têxtil para o Património dos Pobres. As suas velas acesas. Nunca faltam na nossa procissão! A assinante 20517 com 10.000\$ «para a compra de algumas telhas». Mais, de Hélio, «para auxílio de algumas telhas que cobrirão as casas de alguns Irmãos». A assinante 4456 com a ajuda de 2.000\$. Nunca falta a «mãe que crê em Deus» — sempre fervorosa!

E de longe: «Junto envio 100.000\$ para auxílio da Autoconstrução. Não gostaria que o meu nome viesse no Jornal». O Senhor apontou. Amigo M. A., no Espelho da Moda: «Aqui junto mais uma gota:

10.000\$ para os Autoconstrutores, aqueles que têm direito a uma casa e a não possuem». O assinante 30270, 2.000\$ para telhas. Quanto ao nome da senhora que depositou na União de Bancos 90.000\$, digo que entraram também em três telhados e aqui vai nesta procissão. E vem também a Maria Amélia com 5.000\$ e votos de saúde e paz para os obreiros das Casas do Gaiato. Que Deus lhe pague.

Presente um médico, de Gaia, com 3.000\$ para o Património dos Pobres. Maria Guerreiro com 2.000\$. No Lar do Porto, uma Amiga, 50\$; outra, 100\$; outra, 300\$. Assinante 30692, de 79 anos, com 9.000\$! Não parece, de linda que vai na nossa procissão! M. G., da Rua do Cativo, por uma graça do Padre Américo, 50.000\$. Entre! Amiga

M. A., sempre presente. Fernanda com 500\$ para a compra de telhas. Outro médico amigo, assinante 31903, 10.000\$ para ajuda a um Autoconstrutor. No Montepio Geral, assinante 26528, com 10.000\$ e sempre connosco nesta procissão. Anónimo, no Lar do Porto, algumas velas de 20.000\$.

◆ Chegou ao fim esta nossa procissão. Mas já está outra no começo! Deus seja louvado!

É sempre assim: Cada dia, mais um telhado. Uma certeza. Uma luz que se acende no teu coração que dá e no coração do que recebe. O teu gesto ultrapassa sempre a outra margem e vai até ao coração do teu Deus.

Padre Telmo



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Outubro: 55.410 exemplares.